

A IGREJA E O CONVENTO DA PIEDADE

Na companhia de dois ilustres frades carmelitas visitei a Igreja e o pequeno Convento ou Hospício de Nossa Senhora da Piedade, na praia deste nome. Recordam pessoas antigas e ainda vivas que entre o templo e o mar havia até há alguns anos um grande coqueiral. Hoje, com o avanço do mar, entre a praia e os edifícios há apenas a largura da avenida. As ondas é de temer que ameacem em breve a solidez da construção, que conta já mais de 250 anos.

A partir da praia de Boa Viagem para o sul, a faixa do terreno de transição entre a praia e a zona da mata alarga-se consideravelmente; esse trecho de terra que os senhores de engenho dos primeiros séculos desdenhavam por impróprio à lavoura da cana-de-açúcar - mas que os sucessores vêem hoje com olhos compridos - era ocupado então por uma população variada de proprietários de pesqueiros, pescadores, plantadores de roçados de mandioca e pequenos criadores de gado. Na primeira metade do século XVII essa região tinha já certa importância econômica, e as campinas das Curcuranas abrigavam, segundo Adriaen Verdonck, que escrevia em 1630, de 1300 a 1400 cabeças de gado "e algumas vezes ainda mais", sendo que aí moravam 60 a 70 pessoas brancas. E é de período anterior à invasão holandesa a fundação da hoje desaparecida Igreja de Nossa Senhora das Candeias ou Candelária, que deu nome a extenso trecho da costa. Para evitar os alagados da Imbiribeira era comum embarcarem os viajantes em botes do Recife à Barreta para, pela hoje praia de Boa Viagem, atingirem o terreno firme do Ibura. Foi este o percurso do Conselheiro holandês Adriaen van Bullestrate e este também o das tropas flamengas que, em abril de 1648, demandaram o outeiro dos Guararapes.

Para abastecimento ou refresco dos viajantes havia na região próxima ao circular de Boa Viagem algumas vendas: Filipe Bandeira de Melo em carta de 1648 refere-se a duas, a do Piolho e a do Droga, "que estão na praia". A venda do piolho durou muitos anos e ainda em 1707 a ela se referia Baltasar da Costa Passos, doador do patrimônio da Igreja da Boa Viagem, ao mencionar "uma lagoa por onde corre o Rio Jordão a qual lagoa é a que fica logo para dentro do combro da areia do mar, fronteira à venda do Piolho", isto é, nas proximidades da entrada da Estrada do Setúbal. E a propósito deve ser mencionado que a Estrada do Setúbal recorda também um simples proprietário de venda: Manuel Fernandes Setúbal. O mesmo Baltasar da Costa Passos no seu testamento, refere-se à "casa de taipa de venda em que antigamente morava Manuel Fernandes Setúbal".

O fundador da Igreja da Piedade possuía, além das pesqueiras, uma venda que todos recordam hoje sob a designação de Venda Grande: era propriedade de Francisco Gomes Salgueiro. Era ele natural da freguesia da Muribeca e filho legítimo de Antônio Gomes Salgueiro e de Ana de Azevedo, ambos sepultados no Mosteiro de São Bento de Olinda. Foi casado com Ana Córdula, mas se desquitaram: "por causa legítima e meio urgente corremos demanda de divórcio em que alcancei sentença a meu favor, para que cada um saísse com o que entrou e assim se executou", conta Salgueiro no seu testamento datado do seu sítio de Nossa Senhora da Piedade, 12 de julho de 1706. Não houve filhos do casamento, "nem eu tenho filho algum, que o juro por Jesus Cristo e pela conta que hei de dar a Deus", acrescenta no mesmo documento.

Não se sabe a data da construção da Igreja, mas parece admissível aceitar a da lápide da sepultura do fundador como a da conclusão da obras. Diz a lápide: "Sepultura de Francisco Gomes. Fundador desta Capela, 1683". Salgueiro faleceu entre julho e setembro de 1706, provavelmente em setembro. Sendo assim, 1683 deve ser o ano da construção. No seu

testamento deixou determinado que deveria ser sepulta "na minha Capela de Nossa Senhora da Piedade em uma sepultura que nela mandei fazer".

Sem herdeiros necessários, o fundador resolveu doar a capela e os sítios da praia ao Convento de Nossa Senhora do Carmo da Reforma do Recife. Depois e doar ao compadre Filipe Vaz da Cunha, casado com sua sobrinha, Luzia, o porto de pescaria chamado Ponta de Pedro Calabaris (isto é, nas proximidades da Barra da Jangada), de dispor de um púcaro, uma salva, uma tamboladeira e seis colheres de prata, que deixava, e da roupa branca do seu uso (que se daria aos pobres, pelo amor de Deus) e de alforriar a escrava Margarida, nomeava e instituiu o Convento do Carmo seu herdeiro universal. Doava-lhe desse modo o Sítio, em que moro, onde tenho a minha Capela de Nossa senhora da Piedade, o qual sítio possuo por herança de meus pais e onde tenho de presente 16 peças de escravos e todas essas 16 peças esmo aplicadas a esta minha pesqueira". Junto a este estava "outro sítio que comprei aos herdeiros de Simão Carvalho, o qual só um ano mandei pescar de espera, porque me impedia vir o peixe a este meu sítio de Nossa Senhora da piedade e assim o anexo a esta minha capela para conservação dela e da dita pesqueira". Era este o sítio chamado da Boa Vista, ao Norte da igreja. Além desses possuía um terceiro: "declaro mais que tenho outro sítio junto a este de Nossa Senhora da piedade para a parte do Sul, onde comprei ao Padre Lutas Gomes, onde tenho uma venda, o qual sítio anexo à minha dita capela". É o da Venda Grande, de nossos dias.

Um quarto sítio possuía ele, mas vendera-o a Antônio Dias Figueira, conforme a escritura que li, datada de 1689: "uma Sorte de terras sitas nas Curcuranas que consta de 185 braças de longo (na praia) e de comprido desde a praia fronteira do mar até as águas vertentes para o sertão", no qual possuía "um sítio de coqueiros e algumas árvores de espinho, com umas casas de Palha". Especiais recomendações fez o testador com relação às 16 peças de escravos: "tratem aos ditos meus negros e aos queia, de seus costumes, de sua vida social.

E este deve ser o mérito do nosso trabalho, reunindo num só livro todas essas informações, todos esses depoimentos sobre a Veneza Americana, tudo feito com muito cuidado, com muito carinho, evitando-se que os curiosos e estudiosos do assunto percam tempo à procura dos livros que guardam preciosos relatos sobre a vida da nossa cidade.

Acreditamos que este seja um livro inédito. Inédito como a maneira de reunir excelentes estudos sobre a paisagem da cidade do Recife sob a ótica de renomados viajantes estrangeiros e de recifenses bairristas que nos honraram com seus depoimentos.

Assim, o pesquisador, o leitor curioso em saber coisas do Recife através dos séculos, vai encontrar textos de Gabriel Soares de Souza, Frei Vicente do Salvador, Johan Nieunof, Frei Miguel Calado, Henry Koster, Charles Darwin, João Baers, James Henderson (ainda inédito, realmente, em português), Tollenare, Maria Graham, Rugendas, Daniel Parrish Kidder, que se juntam aos estudos desenvolvidos por Pereira da Costa, Antônio Pedro de Figueiredo, Joaquim Nabuco, Barbosa Viana, Gilberto Freyre, Mário Sette, Josué de Castro, José Antônio Gonsalves de Mello, Tadeu Rocha, Evaldo Cabral de Mello, Paulo Fernando Craveiro, além da excelente introdução de Leonardo Dantas Silva que, depois de safenado por algumas *pontes* ainda ficou mais recifense, ainda mais conhecedor das coisas do nosso Recife, do nosso Pernambuco.

Este livro foi elaborado com muito amor, para que os recifenses amem ainda mais a sua cidade, no passado, no presente e no futuro.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **O Recife: quatro séculos de sua paisagem:** Recife: Fundaj, 1992.